

***Chácara das rosas:
identidade e memória
dos remanescentes
quilombolas***

**Chascara das rosas:
identity and memory of
remote knights**

Joaquim Vladimir Fragoso Jacques

Licenciado em História pela Universidade La Salle, Canoas-RS. Discente do curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade La Salle.

Gilca Lucena Kortmann

Doutora em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo-RS. Docente do curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade La Salle, Canoas-RS.

Bruna Mainardi Rosso Borba

Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo-RS. Docente do curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade La Salle, Canoas-RS

Ruben Marcelino Bento da Silva

Doutor em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo-RS. Licenciado em Letras pela Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro-RJ. Docente dos cursos de Graduação em Teologia e Pedagogia da Universidade La Salle, Canoas-RS

Resumo:

O objetivo desta pesquisa é compreender, através dos conceitos de nomadismo cultural e social, as formas de resistência com as quais os descendentes quilombolas urbanos, neste caso, a Chácara das Rosas, procuram enfrentar a invisibilidade e a discriminação que se abatem sobre eles. Para tanto, utilizamo-nos de entrevistas e da convivência que o estágio institucional propicia, buscando na história oral e nos relatos do cotidiano os elementos que possibilitam aos moradores assumirem os seus lugares de sujeitos na construção de sua própria história. Diante de uma sociedade instável, insegura, em que as relações sociais, políticas e culturais se estabelecem sob a égide da transformação, da mobilidade e do hibridismo, é necessário mudar, ainda que isso resulte no abandono da herança de memória, da memória construída, da memória que eles não viveram e da própria identidade.

Palavras-chave: Território. Identidade. Memória. Nomadismo Cultural.

Abstract:

The objective of this research is to understand, through the concepts of cultural and social nomadism, the forms of resistance with which urban descendants that living in the *Chácara das Rosas* seek to face the invisibility and the discrimination that falls back on them. For that we use interviews and the coexistence that the institutional internship provides and we search in oral history and in daily depositions the elements that enable the residents to assume their places of individuals in the construction of their own history. Faced with an unstable society in which social, political and cultural relations are established on the aegis of transformation, mobility and hybridism, it is necessary to change even if this results in the abandonment of the memory inheritance, of the built memory, the memory than they didn't live and of their own identity.

Keywords: Territory. Identity. Memory. Cultural Nomadism.

Introdução

Chalhoub, em *Trabalho, lar e botequim*, a partir do uso de jornais e processos criminais, reproduz parcialmente os primeiros passos dos negros recém-libertos no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. O enfrentamento com imigrantes, trabalhadores brancos, o desprezo e o racismo da elite burguesa compõem os aspectos marcantes do cotidiano dos negros libertos. Além disso, a política de higienização do governo empurrou os negros para a periferia. Sem recursos, sem empregos e sem qualquer tipo de assistência, a violência era muitas vezes a forma de resistência contra o poder da elite.¹

É interessante perceber que, guardadas as devidas proporções nos diferentes contextos, ainda hoje, um século depois do período analisado por Chalhoub, persistem a discriminação, a opressão e a ausência do Estado na salvaguarda dos direitos dos negros, sejam eles remanescentes quilombolas ou descendentes afro-brasileiros. Os senhores das terras apenas mudaram a sobrecasaca pelo paletó importado, os engenhos, pelos grandes grupos industriais.

A oportunidade de trabalhar no quilombo Chácara das Rosas surgiu no curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade La Salle, que proporcionou visitas semanais à Chácara, com o intuito de fazer um levantamento da população quilombola em idade escolar. Entretanto, durante os dias de estágio, as conversas fluíram para a questão de memória e identidade, dois conceitos que monopolizam a atenção de qualquer historiador. A partir disso, foram realizadas entrevistas, que contaram com a participação de seis remanescentes e um voluntário que frequenta o quilombo há décadas. Essas entrevistas levaram diretamente ao problema de pesquisa, pois os remanescentes quilombolas não conheciam a sua história, a sua memória, e aparentemente tinham pouca ligação com a identidade quilombola.

Porém, ao levantar a questão da posse da terra, o tema identidade surgiu como se brotasse de um baú, o baú das memórias herdadas, que, por conveniência ou desconhecimento, fica, às vezes, esquecido. Silva remete essa discussão à territorialidade, que, segundo ela, é determinada por um grupo que historicamente se aproveita de uma correlação de forças políticas para assegurar seus direitos, multiplicando os sujeitos sociais e as disputas territoriais.²

¹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

² SILVA, Simone Rezende da. *Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra*. In: ACTAS DEL XII COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 7 a 11 de mayo de 2012. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/08-S-Rezende.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

Carril aborda essa mesma questão de identidade e território, afirmando que a diversidade cultural nem sempre revela as especificidades da identidade que assume, tratando-se de algo mais amplo, seja de confrontos, conflitos, negociações e silêncios, que podem incluir o recuo e a negação dessa identidade. A problematização desses conceitos se reflete diretamente no cotidiano dos remanescentes, no poder público, na escola, nas relações sociais e culturais.³ Vem daí a necessidade de produzir novos questionamentos e debates, procurando compreender como, especificamente, na Chácara das Rosas, construíram-se as relações com o entorno, onde buscaram novos conhecimentos e novas culturas para transformarem o seu espaço.

Maffesoli fornece o conceito de nomadismo, com o qual é possível entender o quanto as viagens, as saídas do quilombo, as aventuras e a errância, como sinônimo de rompimento da ordem estabelecida, convivem lado a lado com o medo de mudar, de reconstruir ou reformular-se enquanto sujeito, seja na sua história ou no seu espaço.⁴ Não há a intenção de propor certezas, ao contrário disso, busca-se, com este artigo, contribuir para manter vivo esse debate.

Entender a constituição da identidade quilombola é, antes de tudo, compreender a impossibilidade de definir uma única variante, um conceito específico e determinado na construção dessa identidade. A Constituição de 1988 colocou em evidência as discussões a respeito da identidade dos remanescentes quilombolas, partindo principalmente do conceito de quilombo como local de abrigo para negros fugidos, que, ao longo dos anos, foi apresentado pela história oficial e utilizado como fato jurídico de contraponto à posse da terra pelos remanescentes quilombolas, sob alegação de não se enquadrarem na denominação oficial.⁵ Mesmo os quilombos surgidos durante a vigência do sistema escravocrata apresentavam, em sua constituição social, não apenas negros fugitivos, mas também índios e mulatos, caracterizando uma diversidade étnica que existia até mesmo entre os negros escravos oriundos de diferentes etnias africanas.

A Chácara das Rosas: memória e identidade

Em 1929, vindos de Gravataí, o casal J. M. G. e R. B. de J. fundaram, em Canoas, o que hoje é o quilombo Chácara das Rosas. Conforme a matriarca, filha mais velha do casal, seus pais plantavam hortaliças e flores, tinham gado e complementavam suas rendas com a venda de

³ CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 22, n. 69, p. 539-564, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0539.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

⁴ MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

⁵ AGUILAR, Maria do Carmo Moreira. *Ressemantizar ou permanecer: discutindo o conceito de quilombo*. 2009. 53 p. Monografia (Graduação) — Curso de História, Unilasalle, Canoas, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/direitos%20autorais/mdcmaguilar.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2017.

hortaliças e flores. Além disso, seu pai trabalhava de jardineiro para os padres *lassallistas*. Com a passagem dos anos e a transformação do espaço, antes rural, em espaço urbano, com a crescente industrialização e a especulação imobiliária, as relações sociais com os moradores do entorno transformaram-se.

Destituídos de seu modo de vida, baseado na agricultura de subsistência, e sem assistência do poder público e instituições sociais para enfrentar as mudanças que se operavam à sua volta, foram relegados à marginalidade. Sem profissão, sem estudo e discriminados por tudo e por todos, acabaram por reproduzir as condições de seus antepassados, vivendo de trabalhos temporários, entregando-se ao alcoolismo e, algumas vezes, à violência e às drogas, produtos de uma exclusão social conscientemente construída ao longo da história do Brasil.

A primeira impressão que temos ao entrar no quilombo Chácara das Rosas é de estarmos chegando a um daqueles antigos condomínios, onde as casas simples são todas iguais, algumas ainda não totalmente construídas e colocadas uma de frente para outra no longo corredor que inicia em uma avenida e termina na quadra seguinte. Crianças correm e pulam em meio aos latidos de cães. Os adultos, sentados na soleira das portas, conversam, riem e falam em alguns momentos como se estivessem gritando. Não foram encontrados altares, congás ou imagens de orixás nas janelas e nos pátios. O quilombo, nesse primeiro momento, parece-se muito mais com um cortiço. Esse olhar, construído pela discriminação e preconceito, não se sustenta logo após os primeiros contatos: os olhos, antes fechados, abrem-se aos afetos, sentimentos e emoções, que colocam formas e matéria nos espaços antes invisíveis; os corpos se movimentam numa ginga cadenciada, em movimentos de contato, de apertos de mão, de abraços, de sorrisos; o antes invisível é agora o reflexo no espelho, é a imagem do outro, é o encontro de nós com nossas ausências.

Entretanto, essas são exatamente as ausências que foram apontadas pela líder religiosa de matriz africana e sobrinha da matriarca, referindo-se com clareza à falta de políticas públicas voltadas para a questão da educação e do reconhecimento da história do negro na formação da identidade brasileira. Quando questionados sobre a perda de sua identidade, os remanescentes quilombolas da Chácara das Rosas argumentam que se sentem constrangidos de se autoafirmarem como negros do quilombo. Para compreender o quanto essa afirmação faz sentido, devemos considerar, como hipóteses de análise, a segregação, a discriminação e o desinteresse do Estado e da sociedade em fornecer condições de igualdade na disputa pelo mercado de trabalho, educação e saúde aos remanescentes quilombolas.

O músico e compositor Carlos José expõe em sua fala a urgência de políticas sociais dentro do quilombo: “(...) o governo fez, mas fez a parte das moradias. Por que não tem uma escola, por que não tem aqui no quilombo uma padaria comunitária?” Essa exclusão coloca os moradores da

Chácara das Rosas como exilados em seu próprio país, exilados de sua cidade, de seu bairro, tornando-os tanto invisíveis aos outros, que os veem como párias, marginais, bêbados, arruaceiros, quanto invisíveis a si mesmos, a ponto de negarem pertencimento a sua identidade, a sua memória. Said, em *Reflexões Sobre o Exílio*, expressou assim a questão da inferioridade e da falsidade em relação ao outro, visto que, em outros tempos, as pessoas que ultrapassavam a fronteira das diferenças eram banidas. Na era moderna, ficam segregadas, passando a viverem como refugiadas e ou deslocadas dentro de sua comunidade.⁶

Portanto, partindo da situação de exclusão, reforçada pela sensação de segregação que se materializa na maneira como os moradores do entorno denominam o quilombo — “Planeta dos Macacos”, segundo a fala da neta da matriarca (ou seja, lá habitam os macacos; aqui, os humanos) —, podemos compreender a construção da identidade de indivíduos e grupos sociais através do significado da memória herdada⁷, bem como por meio das possibilidades que o uso da história oral oferece⁸, onde encontramos um campo fértil de hipóteses e questões ainda não completamente resolvidas em relação à manutenção da identidade dos remanescentes quilombolas.

Tal identidade está ancorada em uma memória que eles não viveram e, em sua totalidade, poucos conhecem; em alguns casos, nem mesmo querem admitir pertencimento. Esse fator produz a reconstrução de uma identidade ligada ao hibridismo cultural e social, onde se busca, através de incursões e viagens, a absorção de outros valores culturais, sociais e religiosos, gerando a transformação de uma identidade específica em outra culturalmente aceita pela sociedade que os rodeia e da qual estão excluídos, ou percebem-se como tais.

Podemos portando [sic] dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (grifos no original).⁹

A partir dessas questões de identidade e memória, bem como de seu uso político, a comprovação, perante o Estado, do direito à terra, a abordagem da questão quilombola, faz-se necessariamente sobre a construção social daqueles conceitos. Então, a primeira imagem que surge é caracterizada pelo simbolismo e representação que conhecemos de Zumbi, o guerreiro que lutava pela liberdade, território e autonomia de seu povo, e que, segundo Pollack¹⁰, está presente em toda a

⁶ SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁷ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

⁹ POLLAK, 1992, p. 204.

¹⁰ POLLAK, 1992.

historicidade como memórias herdadas, nos relatos orais de sofrimento, torturas e expulsões de quilombos, de propriedades recebidas em doações ou adquiridas em compras nunca regularizadas, que produziam os constantes deslocamentos, conhecidos como *campesinato itinerante*¹¹, e acabaram moldando significativamente a luta pela posse do território no presente.

Identidade e território

Raffestin traz para análise o conceito de território como uma visão política administrativa baseada no poder, onde se projeta uma energia, um trabalho, cuja ação formaliza o espaço, o qual, transformado pela administração política de grupos sociais, consolida a posse do território. O autor diz ainda que o território é formado por personagens que não participaram de sua elaboração, mas o utilizam como meio.¹² Na mesma linha, Silva afirma que o território é visto como espaço físico, mas também como um espaço de construção da identidade quilombola.¹³ Portanto, essas relações de poder possibilitam a abordagem proposta no artigo, segundo a qual a posse do território era necessária para empoderar os remanescentes quilombolas na árdua tarefa de se constituírem sujeitos de sua própria história, ainda que, no caso estudado, a Chácara das Rosas, essas memórias sejam negligenciadas pelos líderes e desconhecidas pelos mais jovens, conforme evidenciado nas entrevistas. Sobre isso, Salaini e Mello reiteram ainda que encontramos com frequência a noção de “invenção de quilombos”, qualificando-os como algo que seria produzido por interesses outros, não representariam a realidade e, portanto, seriam falsos.¹⁴ Atestar a existência de comunidades em “estado original” não condiz com as possibilidades históricas que a construção da identidade étnica produz, ou seja, determinadas pelos diferentes contextos.

Portanto, esse imaginário coletivo presente na historicidade e do qual os remanescentes quilombolas se apropriam para legitimar suas demandas perante a justiça, em busca de reconhecimento da descendência e do direito à propriedade da terra, sofre ataques de interesses diversos (econômicos, políticos e étnicos), com o intuito de negar a propriedade do território e desconstruir a identidade e a memória dos remanescentes quilombolas, estigmatizando seus moradores como arruaceiros, bandidos e preguiçosos, segundo relatos dos próprios moradores. Aguilar observa que, a partir da Constituição de 1988, houve um acréscimo considerável nas

¹¹ RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. *Memórias do cativoiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

¹² RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

¹³ SILVA, 2012.

¹⁴ SALAINI, Cristian Jobi; MELLO, Marcelo Moura. Seguindo as pegadas dos quilombos pelos caminhos da memória, da identidade e da etnicidade. *Revista Identidade*, São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 33-50, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/24/37>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

discussões em torno do conceito de quilombo. Os interesses expostos na efetivação da posse das terras quilombolas, envolvendo o judiciário, políticos e acadêmicos, na tentativa de determinar o que e quais os aspectos que poderiam configurar a condição de remanescentes quilombolas, consideravam principalmente o conceito de quilombo como local de escravos fugidos.¹⁵

É interessante, para efeito de análise, entender como, ao longo dos anos, os remanescentes quilombolas, geralmente associados às pequenas propriedades, plantio de subsistência¹⁶, foram, no caso dos quilombos urbanos, segregados em um espaço pequeno. Espremidos, discriminados e estigmatizados pela sociedade, sem condições de dar continuidade às atividades que tinham e cercados de empreendimentos imobiliários, de indústrias, de progresso, sem, no entanto, receberem do poder público e da sociedade em geral as condições para que se desenvolvessem, acabaram marginalizados, esquecidos, abandonados e suprimidos de suas memórias, de sua identidade, sendo obrigados a buscarem sua inclusão em uma cultura que, via de regra, sempre os excluiu, tanto no passado quanto no presente.

Entende-se o conceito de território, no caso da Chácara das Rosas, como meio de obter a demarcação geográfica do espaço ocupado, garantindo-se, assim, o direito de viajar por outros lugares, culturas, encontrando outros espaços de resistência, sem limites físicos e fronteiras determinadas.¹⁷ A propriedade da terra possibilita a ousadia de prospectar o desconhecido e voltar para transformar o seu mundo, o seu espaço. Ainda a respeito da necessidade de buscar um lugar ao sol, Maffesoli entende que a errância, como sinônimo de aventura, de um andarilhar que violenta a ordem estabelecida, é, na verdade, a presença do nomadismo na estrutura do ser social ou individual.¹⁸

Nomadismo: a percepção do outro

A partir do acima exposto, o conceito nomadismo e suas derivações teóricas contribuem na formulação de um estudo de caso em relação ao quilombo Chácara das Rosas, visto que, na comunidade citada, a memória herdada e a identidade quilombola enfrentam um crescente esquecimento dos mais jovens e também de outros mais idosos que não estão envolvidos com instituições, entidades sociais ou culturais que procuram associar os remanescentes quilombolas aos valores culturais de sua história. Como nomadismo, entenda-se, segundo Maffesoli, a desarticulação do que está determinado pelo poder do cinismo econômico, da alienação ou

¹⁵ AGUILAR, 2009.

¹⁶ SILVA, 2012, p. 5.

¹⁷ MAFFESOLI, 2001.

¹⁸ MAFFESOLI, 2001.

conformismo intelectual, fatores estes que não conseguem ofuscar ou frear o sonho de transformar espaços, coisas ou pessoas através da apropriação de diferentes culturas.¹⁹

A atuação dessas entidades culturais na preservação da memória e identidade quilombola é importante na medida em que servem de argumentos na elaboração de petições e enfrentamentos jurídicos em busca da propriedade da terra. Porém, durante a convivência mais estreita com os moradores, é possível perceber que tais valores não fazem parte das suas relações, de suas conversas ou de suas necessidades diárias. Essa construção da identidade, associada à memória secular dos quilombos, não consegue ofuscar os anseios e expectativas desses grupos quanto a ser reconhecidos como cidadãos integrados na comunidade que os rodeia, nem que, para isso, tenham que reformular ou reconstruir seus símbolos e representações quilombolas, vivendo uma constante contradição entre a aceitação e a negação de suas raízes. A neta da matriarca do quilombo, quando questionada a respeito da negação de sua identidade, reproduziu com clareza estas contradições, afirmando o seguinte: “*Antes de assumir a liderança do quilombo e ter contato com outras entidades de defesa da cultura negra, sentia vergonha de assumir a condição de quilombola*”. A aventura de assumir a liderança do quilombo Chácara das Rosas proporcionou a ela o empoderamento social e político para afirmar sua identidade de negra remanescente quilombola.

Além disso, a saída de alguns moradores para outras cidades produz uma sensação de aceitação que não possuíam enquanto moradores quilombolas. Maffesoli, quando discorre sobre o nomadismo tendo como referência a efervescência da pós-modernidade, afirma: “É no vazio dessas destruições que se aninha aquilo que está para nascer”²⁰. A frágil linha que separa o público do privado, o individual do coletivo na vida pessoal, determina também uma relação frágil nas múltiplas representações culturais que se oferecem aos olhos do viajante, do “errante”, sendo esta outra categoria usada por Maffesoli para justificar a busca de aventuras, de aceitação do outro e, principalmente, de experiências que, mais tarde, no retorno, venham a ser usadas para o bem da comunidade.

Longe do grupo de remanescentes, o viajante percebe que pode usufruir os mesmos direitos e deveres dos outros cidadãos, como, por exemplo, ser aceito pelos vizinhos, trabalhar e conviver em harmonia, sem o estigma de quilombola, de arruaceiro, de marginal, que sempre acompanha os moradores da Chácara, conforme demonstra entrevista com a moradora mais antiga do quilombo, a matriarca: “(*...*) *é muito difícil até agora, porque um faz algo mal, ‘contagea’; mesmo que um saco de batata: onde uma batata apodrece, ela ‘contagea’ as outras todas*”. A matriarca afirma ainda que, com essa experiência de viver fora do quilombo para acompanhar o marido, foi morar por 12

¹⁹ MAFFESOLI, 2001.

²⁰ MAFFESOLI, 2001, p. 60.

anos na cidade de Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai, acrescentando, no tocante à mudança de sua percepção em relação à exclusão em que vivia no quilombo, o seguinte: “(...) *mas para mim foi uma coisa que aprendi muito, os amigos lá muito bons, os vizinhos... só não entendia o idioma deles falar, mas com o tempo fui, eu fui assim tomando conhecimento e tendo um relacionamento melhor que eu tinha aqui, eu achei que lá era melhor*”.

Quando retornou, a matriarca percebeu que, para mudar a relação com as pessoas do entorno, era necessário mudar de dentro para fora, ou seja, começar a mudança pela constituição de uma comunidade coesa, unida pelos laços familiares, fortalecida pelo respeito às regras de convivência, sendo a urbanidade necessária para mudar a imagem difundida pela mídia e assimilada pelos vizinhos, de acordo com a qual os quilombolas eram vistos como bêbados, arruaceiros, marginais e vagabundos.

Antes, a luta pela propriedade da terra ocorria diante da possibilidade de projetar uma relação equivalente com os donos dos imóveis vizinhos, como podemos perceber nesta outra fala: “(...) *foi uma coisa assim, que... uma retirada como essa, então esta retirada minha daqui de Canoas para Santana do Livramento valeu, que a gente tem que aprender, a gente com a família a gente se acomoda tanto, né? E assim longe da família a gente procura a buscar aquilo que a gente não tinha aqui e lá eu encontrei, amizades, vizinhos bons*”. Foi essa experiência, vivenciada fora do quilombo, que proporcionou uma visão diferente, um conhecimento novo, além de uma capacidade de absorver e transformar esse conhecimento em estratégias de luta para transformar o seu espaço social e cultural.

A sociedade brasileira é constituída de diferentes etnias e de grande diversidade cultural, o que torna muito difícil pensar em memória e identidade como algo dado, institucionalizado, determinado em relação a qualquer que seja o grupo social ou comunidade pesquisada. No caso da Chácara das Rosas, essas questões aparecem com frequência em relação às culturas religiosas de diferentes matizes da fé: uma pequena parte dos moradores pratica a religião animista, que representa a origem africana de seus antepassados e trabalha em harmonia com a natureza e com o espírito. Outra parte da comunidade é ligada aos valores da cristandade, católica, luterana ou suas derivações. Tal quadro, inclusive, encontra-se em consonância com o conjunto de referências socioculturais que, segundo Schultz, constituem a matriz do imaginário religioso brasileiro (catolicismo, religiões afro-brasileiras e espiritismo), a qual experimenta transformações sucessivas dos princípios e valores imbricados em sua dinâmica social.²¹ Aliado à questão religiosa, existe o

²¹ SCHULTZ, Adilson. Estrutura Teológica do Imaginário Religioso Brasileiro. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). *Uma Religião Chamada Brasil*. São Leopoldo: Faculdades EST; Oikos, 2008. p. 27-60.

contato com os valores ensinados nas escolas que os filhos frequentam e que produzem um conhecimento histórico pouco elucidativo da importância do negro na história do Brasil.

A afirmação da identidade de remanescentes quilombolas não está associada apenas às questões de memória herdada²², da memória construída e determinada pela história oficial. Antes disso, é importante compreender que o ser humano, no sentido antropológico da expressão, percebido como ser social, é, acima de tudo, relacional²³. Nesse sentido, DaMatta diz: “Deste modo, quando vejo um costume diferente é que acabo reconhecendo, pelo contraste, meu próprio costume”²⁴. E é assim, a partir dessas relações, que se estabelecem os pressupostos de construção da identidade em diferentes contextos.

Na Chácara das Rosas, a relação entre memória e identidade, segundo a história oficial, serviu, num primeiro momento, como meio de sustentar a posse da terra, permitindo, assim, estabelecer uma comunidade reconhecida pelo poder público e também pelas entidades sociais, ao mesmo tempo em que contribuiu para maior visibilidade do que antes era ignorado.

A líder religiosa de matriz africana no quilombo expõe, em seu depoimento, o quanto a posse da terra foi importante na visualização e reconhecimento da cultura negra. Segundo ela, hoje, a história da negritude está nos museus, nas escolas e até mesmo nas empresas, com exposições de fotos e textos sobre o quilombo. Por outro lado, os moradores do quilombo ainda lutam para efetivar esse reconhecimento através de políticas públicas que forneçam condições e estrutura para enfrentarem a grande defasagem nas questões de educação, saúde e capacitação profissional dos moradores, como ressaltaram os entrevistados, incluindo a matriarca e sua neta, a líder quilombola.

Considerando as situações acima expostas, convém reforçar que alguns autores²⁵ fazem referência à construção de uma identidade quilombola única. Porém, dentro das comunidades quilombolas existem diferentes etnias, que cultuam diferentes símbolos e representações. A reunião dessas etnias acaba por compartilhar uma ideia de identidade, sem que, no entanto, possamos classificá-la como única.

Um dos entrevistados menciona em sua fala que “(...) *os negros quilombolas provêm de diferentes nações africanas, como o Gongo, e outros nem sabem de onde vieram seus antepassados*”. Isso leva certos grupos sociais a problematizarem a afirmação de identidade única,

²² POLLAK, 1992.

²³ DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.

²⁴ DAMATTA, 2011.

²⁵ FUZZI, Ludmila Pena; COSTA E SILVA, Cristiano Luiz da. Identidade Sustentável: espacialidade, identidade e memória nos estudos sobre comunidades quilombolas. *Revista Espacialidades*, Natal, v. 8, n. 1, p. 193-211, 2015. Disponível em: <<http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v8n1/9%20193211.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

principalmente no contexto atual, baseando-se no conceito de nomadismo cultural e na efervescência da sociedade pós-moderna.²⁶

Carlos José foi agente do Centro Ecumênico da Cultura Negra e frequenta o quilombo Chácara das Rosas há mais de 20 anos, contribuindo para manter viva a memória herdada, colocando os remanescentes diante da história de vida de seus antepassados através da música, da poesia e da contação de histórias. Para ele, é importante que se mantenha viva a memória herdada de seus antepassados²⁷, mesmo que essa história oficial não represente, na sua totalidade, a realidade dos fatos, mas é igualmente importante reconhecer a diversidade da cultura negra na formação da identidade quilombola.

Considerações finais

A construção da identidade está, com certeza, intimamente relacionada ao conhecimento que o grupo possui de sua história, de seus antepassados, de seus medos, de suas ligações afetivas, de seus sofrimentos e de sua capacidade de interagir com sua memória herdada, mas também à capacidade de aprender e absorver outras culturas, outros saberes que tragam as transformações necessárias para reestruturar o conceito de identidade na pós-modernidade, sem, no entanto, perder contato com a memória secular dos quilombos. Portanto, afirmar que a identidade quilombola tem íntima relação com a memória herdada de seus antepassados não é de todo contraditório, visto que a história possibilita transitar no tempo e no espaço, entre passado, presente e futuro, buscando preencher as lacunas que a documentação oficial não oferece.

No caso da Chácara das Rosas, para entender como foi possível enxergar essa relação entre memória e identidade, é preciso revisitar as transformações econômicas ocorridas no Brasil a partir da década de trinta, cujo eixo de interesse econômico passou do setor rural oligárquico para a industrialização, acarretando significativas mudanças no modo de vida dos quilombos urbanos.

Espremidos em meio à modernização industrial e a expansão imobiliária dos centros urbanos, buscaram nas experiências de novos contatos com culturas diferentes os aprendizados que entendiam necessários para promover sua visibilidade e inclusão na cultura hegemônica, ainda que precisassem negar a sua identidade quilombola.

Apesar disso, esse nomadismo cultural é também um constituinte da identidade quilombola, pois estabelece relações com uma sociedade cujo contexto se caracteriza pela constante mobilidade social, com o caráter efêmero dessas relações. O mundo é transacional, transcultural e as

²⁶ MAFFESOLI, 2001.

²⁷ POLLAK, 1992.

identidades se constituem e desaparecem com a mesma rapidez com que os conceitos são “ressemantizados” na sociedade globalizada e pós-moderna.

A possibilidade de ampliar as pesquisas para outros quilombos urbanos, buscando confirmar ou negar as diferentes relações que se constroem entre memória e identidade, é, sim, um projeto viável, tanto para o trabalho do pesquisador quanto para o conhecimento das estruturas quilombolas contemporâneas. Enfim, manter um vínculo de pesquisa e conhecimento com a memória secular e herdada dos antepassados quilombolas é uma maneira de esses grupos não sucumbirem diante da efervescência da pós-modernidade.

Referências

AGUILAR, Maria do Carmo Moreira. *Ressemantizar ou permanecer: discutindo o conceito de quilombo*. 2009. 53 p. Monografia (Graduação) — Curso de História, Unilasalle, Canoas, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/direitos%20autorais/mdcmaguilar.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 22, n. 69, p. 539-564, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0539.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FUZZI, Ludmila Pena; COSTA E SILVA, Cristiano Luiz da. Identidade Sustentável: espacialidade, identidade e memória nos estudos sobre comunidades quilombolas. *Revista Espacialidades*, Natal, v. 8, n. 1, p. 193-211, 2015. Disponível em: <<http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v8n1/9%20193211.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SALAINI, Cristian Jobi; MELLO, Marcelo Moura. Seguindo as pegadas dos quilombos pelos caminhos da memória, da identidade e da etnicidade. *Revista Identidade*, São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 33-50, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/24/37>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura Teológica do Imaginário Religioso Brasileiro. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). *Uma Religião Chamada Brasil*. São Leopoldo: Faculdades EST; Oikos, 2008. p. 27-60.

SILVA, Simone Rezende da. *Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra*. In: ACTAS DEL XII COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 7 a 11 de mayo de 2012. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/08-S-Rezende.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

Lista de entrevistados e fontes orais

Maria do Carmo de Jesus, nascida em 17\12\1934, filha de João Maria Genelício de Jesus e Rosalina Correa dos Santos.

Evelyn Nunes da Silva, bisneta de Maria do Carmo.

Beatriz de Jesus Fanti, filha de Maria do Carmo.

Marlon da Silva, bisneto de Maria do Carmo.

Carlos José de Paula, músico e compositor, agente pastoral negro.

Isabel Cristina Genelício, sobrinha de Maria do Carmo e líder religiosa de matriz africana.

Giani Sanches Gonçalves, neta da Maria do Carmo e atual líder do quilombo Chácara das Rosas.